

UM PÃO AMASSADO POR 34 PADEIROS

Mário Pontes

Padaria Espiritual, como se pode ler em todas as modernas histórias da literatura brasileira, foi uma sociedade literária fundada no Ceará em fins do século XIX. Referida às vezes com palavras entusiásticas é o caso de Tristão de Athayde — a Padaria chamava seus sócios de padeiros e deu o título de **O Pão** ao jornal que editou em Fortaleza de 1892 a 1896. Raridades bibliográficas, os 36 números de **O Pão** acabam de ser publicados em fac-símile, nos moldes das revistas do Modernismo, relançadas por iniciativa do industrial paulista José Mindlin.

O volume fac-similado de **O Pão**, com introdução crítica de Sânzio de Azevedo, é uma co-edição da Academia Cearense de Letras e da Universidade Federal do Ceará, cuja editora encarregou-se de imprimir, encadernar e distribuir comercialmente a obra. Cláudio Martins, presidente da ACL e organizador da edição, teve de recorrer a várias coleções, incluindo a da Biblioteca Nacional, pois a única ainda completa estava demasiado deteriorada para permitir a reprodução.

Lê-se em **Baú de ossos**, de Pedro Nava — cujo pai, José Nava, foi um dos 34 sócios da Padaria — que a sociedade era “um foco de rebeldes contra a ordem estabelecida, fosse ela literária, política ou social... O programa da Padaria incluía também a declaração de guerra ao clero e **O Pão** escandalizava... Se a Padaria Espiritual era irreligiosa, anticlerical, vagamente comteana — era também meio secreta, um tanto maçônica. Era extremista, socializante, levemente anarquista”. Por tudo isso, diz Wilson Martins em sua **História da Inteligência**

Brasileira, “a Padaria Espiritual era o microcosmo da República” recém-proclamada.

Do primeiro ao último número, **O Pão** corresponde, traço por traço, a esse retrato que Nava faz da Padaria. Nos seis iniciais, entretanto, é mais superficial, mais conforme o espírito galhofeiro que presidira a elaboração dos estatutos da Padaria, nos quais se proibia aos sócios “o tom oratório, sob pena de vaia”, as “palavras estranhas ao vernáculo”, as referências “à rosa de Malherbe”, as cópias de poemas “nas folhas mais ou menos perfumadas de álbuns”. Numa época da pianolatria, o padeiro que desse recitais de piano seria irrevogavelmente punido com a expulsão.

A Padaria era, pois, contra o beletismo, a literatura de salão e tudo mais que cheirasse a provincianismo e conservadorismo. Noutras palavras, era moderna para a sua época e para lembrar novamente Wilson Martins, foi um daqueles movimentos que prepararam “o nosso desenvolvimento posterior”. As características de **O Pão** tornam-se mais definidas a partir do número 7, quando passa à direção de Antônio Salles. Daí por diante, o jornal minimiza a galhofa e aborda com seriedade os problemas da literatura, das ciências, do Governo e da política, inclusive a internacional, sem contudo esquecer as questões locais de interesse público.

Mantendo intenso intercâmbio com publicações do gênero no país e no estrangeiro, **O Pão** repercutiria amplamente fora do Ceará e acabaria por receber a colaboração de nomes bem conhecidos na época, como Raimundo Corrêa e Clóvis Bevilacqua. Manteve várias polêmicas, publicou poemas, contos e ensaios de quase uma centena de autores, além de divulgar em primeira mão capítulos de obras do porte de **A Normalista**, de Adolfo Caminha, e **Dona Guidinha do Poço**, de Oliveira Paiva, que Lúcia Machado de Almeida “redescobriria” 60 anos mais tarde.

Como as de **Philomática**, **Klaxon**, **Verde**, **Antropofagia**, **Festa**, **Estica** e outras publicações antes inacessíveis ao grande público, a reedição fac-similar de **O Pão** é uma boa contribuição aos estudiosos que necessitam conhecer diretamente as fontes da história da literatura e da vida intelectual brasileiras.

(Transcrito do “Jornal do Brasil”, Rio, 12-maio-1982)